



6º Simposio de Ensino de Graduação

ELEMENTOS DE TEORIA DA ARTE NA OBRA JÚLIA, DE ROUSSEAU

Autor(es)

CIBELE DA COSTA SCARPELIN

Orientador(es)

EDIVALDO JOSÉ BORTOLETO

1. Introdução

O presente trabalho se trata de uma pesquisa em torno das obras de Jean-Jacques Rousseau, filósofo iluminista do século XVIII.

A principal temática dessa pesquisa é a concepção de arte em Rousseau, analisando a aplicação teórica do pensamento do autor em seu romance epistolar "A Nova Heloísa".

O cenário é o embate que ocorreu entre o filósofo e matemático D' Alembert e Rousseau. D'Alembert escreveu um artigo na enciclopédia intitulado "Genebra" e exortavam os genebrinos a abrirem um teatro nessa cidade. Rousseau, que era contra a abertura de um teatro em Genebra, escreve um artigo de resposta: "A Carta a D'Alembert".

2. Objetivos

Jean-Jacques Rousseau, filósofo Iluminista do século XVIII, foi um pensador importante, porém muito polêmico para sua época.

O chamado Século das Luzes era marcado essencialmente pela liberdade da razão, ou seja, nenhum homem pode deixar-se levar por dogmas ou imposições sem que antes os tenha verificado.

O principal objetivo dos iluministas era a difusão do saber, como um meio mais eficaz de se colocar fim à superstição, à opinião e ao preconceito e, por isso, se lançar em um grande objetivo comum: a Enciclopédia, que daria uma enorme contribuição para o espírito humano.

Sendo assim, dentre os Iluministas, Rousseau fazia parte de um lugar não muito cômodo para eles. Rousseau ingressa no mundo das letras a partir do "Discurso Sobre as Ciências e as Artes", cuja questão

era a seguinte: o restabelecimento das ciências e das artes terá contribuído para aprimorar os costumes?

Rousseau responde negativamente à questão da academia de Dijon, e por isso se opõe dos Iluministas quando ao ideal de difusão do saber.

Em todas as suas obras, a partir de então, Rousseau discute essa problemática, principalmente na "Carta a D' Alembert".

O objetivo da "Nova Heloísa", romance epistolar e obra típica de sua personalidade romântica, também era tratar, além de outros temas, o assunto da questão da difusão do saber e sua concepção de arte.

Portanto, tendo como textos principais o "Discurso sobre as Ciências e as Artes", a "Carta a D'Alembert" e "A Nova Heloísa", o principal objetivo desse estudo é o de investigar a concepção de arte nas obras de Rousseau, e a partir dessa concepção, analisar a aplicação desse conceito em seu romance "A Nova Heloísa".

3. Desenvolvimento

A metodologia usada foram as leituras das obras de Rousseau e os principais comentadores.

4. Resultado e Discussão

No primeiro capítulo, O iluminismo ou "O século da Filosofia", foi investigado a importância de se ter a visão do século em que Rousseau viveu, a importância dos Iluministas e dos Enciclopedistas. A principal característica do Iluminismo é a liberdade de pensamento, o que Kant chamará de maioridade, ou seja, a capacidade do homem de servir-se de seu próprio entendimento.

Contudo, essa liberdade de pensamento, a liberdade da razão, era impensável em determinados setores escolásticos medievais. As respostas aos enigmas da natureza e do homem se encontram nas Sagradas escrituras, portanto, se a razão deve ser usada, será apenas na ajuda do melhor entendimento de certas passagens do Livro Sagrado.

No sistema medieval, a Igreja hierárquica esta ao lado da nobreza, mas com as transformações políticas, econômicas e filosóficas a partir do século XV, essa sustentação é abalada e a tradição religiosa passa por uma crise profunda. A partir disso, os Iluministas farão uma crítica sistemática à teologia. Porém os Iluministas não se resumirão no constante combate à religião, seus mais elevados propósitos não se encontram na rejeição da fé, mas até mesmo em um novo ideal de fé e religião. O sentimento dominante é um sentimento profundamente criador em todas as esferas de atuação humana, uma confiança na renovação do mundo, até mesmo na religião.

No segundo capítulo, A pintura de si, abordei um pouco da história da vida de Rousseau e a importância de sua obra "Confissões" para entendermos melhor o pensamento do autor. Mas a questão principal é: Qual a importância de explicitar a vida de um autor no estudo de sua obra?

São várias as objeções. Há estudiosos que defendem não ser importante estudar a vida de um autor, mas há os que consideram imprescindível estudar a vida de um autor pois ela ajuda-nos a entender sua obra. No caso de Rousseau, porém, sua vida se transformou em várias obras autobiográficas.

As *Confissões*, a principal obra autobiográfica de Rousseau, nos mostra em quase mil páginas todos os momentos da vida de Rousseau, e nos ajuda a entender o espírito em que se encontrava o filósofo, ao

escrever cada obra.

Portanto, será importante considerarmos as autobiografias de Rousseau, principalmente as *Confissões*, para podermos entender melhor suas obras e termos mais um requisito para estudá-las durante essa pesquisa, sem reduzi-la a um mero estudo de caso psicológico, mas também não a desconsiderando no total.

No terceiro capítulo, Rousseau e a crítica da arte, foi discutido o embate entre Rousseau e D'Alembert, e a importância desse embate para o pensamento do autor.

Sem dúvida, o *Discurso Sobre as Ciências e as Artes* de Jean-Jacques Rousseau, o chamado *Primeiro Discurso*, foi um dos mais importantes para sua fama tão esperada, pois recebeu o prêmio da academia de Dijon, que tinha por tema a seguinte pergunta: o restabelecimento das ciências e das artes terá contribuído para aprimorar os costumes?

A proposta da Academia de Dijon provoca no genebrino uma torrente de novas idéias, acabando por desmoronar com os ideais da época. Sendo assim, a importância do *Discurso Sobre as Ciências e as Artes* é de nela conter a crítica a cultura de seu tempo e a crítica às ciências e as artes, que o faz romper de vez com os Enciclopedistas.

Os partidários das Luzes do século XVIII consideravam que a humanidade poderia ser curada a partir da expansão das ciências e das artes. Por isso, nos revela Cassirer, a idéia de Diderot era tornar as ciências e as artes populares. Mas, no *Primeiro Discurso*, Rousseau se opõe a essa concepção de “poder de cura” da arte, o que acaba sendo chocante para os enciclopedistas, grupo do qual Rousseau fazia parte. Porém, se Rousseau diverge de seus contemporâneos é mais no ideal da difusão do saber, pois sua exigência é ainda maior quanto o ideal de Sábio: “*A ciência de modo algum é feita para o homem em geral*”. Para Rousseau, o ideal de Sábio vem gravada com uma forte conotação moral, por isso a ciência não é para todos. O estudo, segundo Rousseau, corrompe os costumes, freqüentemente destrói a razão e atormenta-o com desejos. Seria, então, preciso um homem verdadeiramente sábio para resistir aos vícios que as ciências e as artes nos trazem. Para Rousseau, este sábio existe, mesmo em pequeno número.

As principais questões do capítulo são: há espetáculos bons? Para que tipos de sociedades os espetáculos seriam bons?

No quarto capítulo, Julie ou La Nouvelle Héloïse, veremos como Rousseau trata a aplicação teórica de seu pensamento em seu romance.

Escritos quase ao mesmo tempo de *Emílio* e *Contrato Social*, que foram publicados em 1762, *Júlia ou A Nova Heloísa* é o romance epistolar de Jean-Jacques Rousseau que teve grande sucesso no século XVIII, principalmente em Paris. Como era a moda do século XVIII, Rousseau escreve seu romance segundo a técnica de cartas que fazia sucesso na época.

A principal questão desse capítulo é: se Rousseau faz a crítica aos romances, ao teatro e à arte em geral, porque ele escreveria um romance?

Ainda no romance A Nova Heloísa, Rousseau escreve que os romances são talvez a última instrução que resta dar a um povo suficientemente corrompida para que qualquer outra lhe seja inútil”.

Sendo assim, ao escrever um romance, Rousseau pensa nos homens do mundo, nos parisienses que lerão o livro. Ao mostrar as maravilhas de Vevai, Rousseau mostra aos parisienses um mundo que não é o deles, *Rousseau esforçou-se em tornar legível essa oposição a Paris para os próprios parisienses*.

Portanto, assim como Rousseau descreve na Carta a D'Alembert, o verdadeiro espetáculo é “ao ar livre” e não espetáculos que “encerram tristemente um pequeno número de pessoas num antro escuro”.

Concluindo, é preciso salientar que Rousseau, em suas obras, apela apenas para um novo ideal de arte e relacionamento humano. Sendo assim, ao fazer a crítica da arte ele procura nos alertar de nosso erro em se apegar apenas ao artificial e às aparências, não percebendo a natureza em nossa volta. Nosso erro é, segundo o genebrino, o de querer ver arte em toda a parte, e de não ficar contente enquanto a arte não se mostrar.

5. Considerações Finais

O ideal de difusão do saber em Rousseau não era o mesmo que o dos Enciclopedistas. Se estes mostravam que a difusão do saber seria importante para acabar com as superstições, Rousseau mostrava não ser este o caminho. Ao contrário, Rousseau diverge dos enciclopedistas menos na questão da difusão do saber, que na do ideal de Sábio.

O ideal de sábio, para Rousseau, vem cunhado com uma forte conotação moral. Sua exigência, portanto, seria ainda maior que a dos outros Enciclopedistas.

Para Rousseau, as ciências e as artes eram praticadas muito mais no sentido de uma busca de glória e reputação. Por isso, a afirmação de Rousseau que os artistas só procuram ser reconhecidos. O verdadeiro Sábio é aquele que não se importa se sua obra terá acolhida no meio social, mas aquele que tem como objetivo a busca pela verdade.

Portanto, ao escrever um romance, Rousseau transportou suas idéias e colocou na sociedade de Clarens, o ideal de uma verdadeira sociedade, totalmente oposta a de Paris, contida no romance "A Nova Heloísa".

Se no seu romance epistolar não há grandes filósofos ou grandes máximas, esse foi seu próprio objetivo, querendo nos mostrar que a ação é muito mais importante que as máximas de moral que muitas vezes são impraticáveis.

"A Nova Heloísa" nos transposta para o cerne do pensamento de Rousseau, reunindo todas as suas obras em um romance e nas figuras de Júlia, Saint-Preux, Clara e Wolmar.

Referências Bibliográficas

ALEMBERT, Jean Lê Rond d'. Ensaio sobre os elementos de filosofia. Campinas: Editora da Unicamp, 1994.

CASSIRER, Ernst. A Questão Jean-Jacques Rousseau. São Paulo: Unesp, 1999.

CASSIRER, Ernst. A filosofia do Iluminismo. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

FORTES, Luiz R. Salinas. O iluminismo e os reis filósofos. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

- GARCIA, Cláudio Boeira. As cidades e suas cenas: a crítica de Rousseau ao teatro. Ijuí: UNIJUÍ, 1999.
- KANT, Immanuel. "Resposta à pergunta: que é Iluminismo". In: _____. A paz perpétua e outros opúsculos. Rio de Janeiro: Edições 70, 1990.
- MARQUES, José Oscar de Almeida. Verdades e Mentiras: 30 ensaios em torno de Jean-Jacques Rousseau. Ijuí: Editora Unijuí, 2005.
- ROLLAND, Romain. O pensamento vivo de Rousseau. São Paulo, Livraria Martins Editora, 1975.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. Carta a Christophe de Beaumont e outros escritos sobre a Religião e a Moral. São Paulo: Estação Liberdade, 2005.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. Carta a D'Alembert. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. Confissões. São Paulo: José Olympio ed., 1948.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. Considerações sobre o governo da Polônia e sua reforma projetada. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. Emile e Sophie ou Os Solitários. Florianópolis: Editora Paraula, s/d.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. Emílio ou Da Educação. 3. ed. São Paulo: Martins fontes, 2004.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. Júlia ou a Nova Heloísa. Campinas: Hucitec, 1994.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. Coleção: Os Pensadores. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. Os devaneios de um caminhante solitário. Editora Cotovia, 1989.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. Projeto para a educação do Senhor de Sainte-Marie. Florianópolis: Editora Paraula, s/d.
- STAROBINSKI, Jean. Jean-Jacques Rousseau: A transparência e o obstáculo. São Paulo: Companhia das letras, 1991.
- STAROBINSKI, Jean. "O remédio no mal: o pensamento de Rousseau". In: _____. As máscaras da civilização.

São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MARQUES, José Oscar de Almeida. Autobiografia e Referencialidade: o caso das confissões de Jean-Jacques Rousseau. (www.unicamp.br/~jmarques/pesq/autobiografia_e_referencialidade.pdf)